

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - SP
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Intertextualidade em redações da Fuvest

Autor (a): Janaína Cristina de Barros Magrini

Orientador (a): Prof.^a Dra. Vanda Maria Elias

São Paulo, 2011

SP, Brasil

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - SP
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Intertextualidade em redações da Fuvest

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de especialista em Língua Portuguesa.

Autor (a): Janaína Cristina de Barros Magrini
Orientador (a): Prof.^a Dra. Vanda Maria Elias

São Paulo, 2011
SP, Brasil

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como recorte temático um estudo sobre a intertextualidade em redações da FUVEST e objetiva analisar nas redações dos vestibulandos os tipos de relações intertextuais que estabelecem, levando em conta a produção de um texto dissertativo. Partindo do pressuposto de que a intertextualidade contribui para a construção da argumentação, a pesquisa se fundamenta teoricamente em estudos realizados no campo da Linguística Textual. A análise do *corpus*, formado por cinco redações publicadas no site da Fuvest 2010, revelou que os vestibulandos, no desenvolvimento da proposta de redação da FUVEST, recorrem a diferentes tipos de intertextualidade que contribuem para a argumentação do texto.

Palavras-chave: intertextualidade, argumentação, redação, vestibular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1.1. Texto escrito e interação	7
1.2. Intertextualidade	10
1.2.1. Intertextualidade temática	12
1.2.2. Intertextualidade estilística	13
1.2.3. Intertextualidade explícita	15
1.2.4. Intertextualidade implícita	17
1.2.5. Intertextualidade e argumentação.....	19
2. CAPÍTULO 2 Análise da intertextualidade	20
2.1. O <i>corpus</i>	20
2.2 A proposta de redação Fuvest 2010	22
2.3 Análise da intertextualidade.....	24
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa objetivamos analisar a intertextualidade nas redações da Fuvest 2010. Justificamos a pesquisa, uma vez que a prova de redação da Fuvest continua sendo o método mais tradicional e importante de avaliação de candidatos a uma vaga em uma das melhores universidades do país. Além disso, nessa prova, a constituição de relações intertextuais funciona como um dos principais elementos para a construção da argumentação e, conseqüentemente, avaliação da competência textual dos candidatos.

Sobre a intertextualidade, Platão e Fiorin (1996, p.25) afirmam, que todo texto é produto de criação coletiva, a voz do seu autor se manifesta ao lado de outras vozes que já trataram do mesmo tema e com os quais se põe em acordo ou desacordo.

Assim, o autor de um texto leva em consideração as ideias de outros “autores”, ou “vozes”, e com eles dialoga no seu texto. Esse processo de reconhecimento de textos é resultado de experiências, vivências e leituras de textos.

Koch (1997) também fala da polifonia, fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir essas “vozes” que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com os quais o locutor se identifica ou não. Existem formas linguísticas que funcionam como índices, no texto, da presença de outra voz. E, embora o locutor se represente no texto como se fosse neutro, sabemos que não há texto neutro, objetivo e imparcial. Em outras palavras, é preciso encarar o texto como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, e acima de tudo, como forma de interação social.

De acordo com Koch e Travaglia (2011, p.88), considerando os estudos de Beaugrande e Dressler, a intertextualidade engloba os vários modos pelos quais o conhecimento de outros textos permite ao interlocutor compreender um determinado texto, ou seja, a

intertextualidade “diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes”.

O referencial teórico de que se lança mão a presente pesquisa encontra suas fontes em Koch, Bentes e Cavalcante. Tais autoras, em momentos diversos e por motivos variados, estudam a intertextualidade e apontam-na como aspecto fundamental na produção do texto.

Koch (2008), em obra dedicada à Linguística Textual (LT), aponta a intertextualidade como um objeto de estudo que tem despertado muito o interesse da Linguística Textual associando-a de certo modo à noção de polifonia no que ambas têm da presença inevitável do outro na produção do discurso. Dedicada aos estudos da intertextualidade, Koch, Bentes e Cavalcante (2008) propõem a seguinte segmentação do conceito de intertextualidade: intertextualidade temática, estilística, explícita, implícita.

Sobre a intertextualidade, ressaltamos que o texto se constrói, à medida que o autor retoma fatos já conhecidos. Como afirmam Koch e Travaglia, (2011, p.95) todas as questões ligadas à intertextualidade influenciam tanto o processo de produção como o de compreensão de um texto. Nesse sentido, quanto mais amplo for o repertório do autor, ou o seu acervo de conhecimentos, maior será a sua competência para produzir textos que "dialogam uns com os outros" por meio de referências, alusões e citações.

Assim, com embasamento teórico nos estudos sobre a intertextualidade, este trabalho objetiva analisar a intertextualidade em cinco redações da Fuvest 2010, apontando como esse fator interfere no sentido e argumentação da produção escrita.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, trataremos do conceito de texto e interação; no segundo capítulo, abordaremos o tema intertextualidade, dividido em – intertextualidade temática, estilística, explícita e implícita, além da

relação entre intertextualidade e argumentação. Por fim, será apresentado o corpus e realizada a análise pretendida.

1. CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Texto escrito e interação

O texto pode ser entendido, segundo Koch (1997, p.26), como resultado da nossa atividade comunicativa, que é colocada em ação em situações de interação social. Nesse sentido, defende-se a posição de que: produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais. Barré-de-Miniac (2006, apud Koch e Elias, 2009, p. 31) postula que “a prática da escrita de fato se generalizou: além dos trabalhos escolares e eruditos, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica”. Sim, a prática da escrita é social.

Há, no entanto, uma diversidade de perspectivas sobre a escrita. Conforme Koch e Elias (2009), a escrita pode ser concebida com foco na língua, no autor ou na interação:

a) escrita: foco na língua, orientada pela concepção de linguagem como um sistema pronto, acabado, devendo o escritor se apropriar desse sistema e de suas regras. Nessa concepção de sujeito como predeterminado pelo sistema, o texto é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser modificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado;

b) escrita: foco no autor do texto – em que a escrita é vista como representação do pensamento, por conseguinte, afluente de um sujeito psicológico, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações. Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto lógico do pensamento de quem o produz, o qual expressa suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo;

c) escrita: foco na interação. Nessa concepção a escrita não é compreendida em relação apenas à apropriação das regras da língua, nem tão pouco ao pensamento e intenções do autor, mas sim, em relação à interação autor-leitor, levando em conta, as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo. Nessa concepção interacional da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como sujeitos historicamente constituídos.

No processo de escrita, o autor do texto não faz apenas escolhas lexicais apropriadas a sua produção textual, pois a produção de um texto não se dá apenas na relação que as palavras ocupam, escrever envolve além das especificidades linguísticas, as relações pragmáticas, culturais, cognitivas e discursivas em sua construção.

O processo de escrita é tanto uma experiência individual e única, quanto interpessoal e dialógica. É individual e única porque o processo de produção de um texto implica escolhas pessoais quanto ao que dizer, a quem dizer, como dizer: a seleção de tópicos a serem apresentados, das palavras a serem utilizadas, dos enunciados a serem organizados são escolhas do produtor do texto, que refletirão seu estilo de escrever. Esse processo de produção de texto é uma atividade complexa, pois envolve autoria e criação da parte do escritor.

Quanto à intencionalidade do autor, entendemos que está relacionada ao modo como o autor constrói seu texto a fim de alcançar seus objetivos na interação comunicativa. Para ter êxito, ele se empenha em produzir um texto coerente, de forma que o texto seja compreendido de acordo com a sua intenção.

Segundo Koch e Travaglia (2011, p.36), o autor do texto apresenta pistas para a construção dos sentidos de acordo com a intencionalidade. Para esses autores, a intencionalidade está diretamente ligada à argumentatividade. Todo texto abre possibilidades

para várias interpretações e deve-se estar atento a pistas como tempos verbais, operadores, conectores e modalizadores. Assim, quanto maior é o conhecimento em relação ao tema produzido pelo autor do texto, maior será a possibilidade de interação.

Koch e Elias (2009, p. 34) explicitam que o autor do texto utiliza muitas estratégias para que a sua produção resulte em interação. Entre essas, a ativação de conhecimentos sobre componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco); seleção; organização e desenvolvimento de ideias ao longo da produção textual; o compartilhamento de informações entre o autor e leitor e a revisão da escrita, baseada num objetivo.

Segundo Sautchuk (2003, p. 10-11) esse processo de produção textual, quando em caráter interacional, pressupõe a existência de um produtor do texto e do seu leitor. Koch (2007, p. 26) trata do sentido do texto, que é concebido na interação, entre texto e sujeitos. Para a autora, no texto, devem ser considerados: a coerência textual, a importância do autor do texto que tem algo a dizer, o leitor que tem participação ativa, a partir da contextualização. Define ainda o autor de textos e o leitor como “estrategistas”, pois eles jogam o “jogo da linguagem”, que, em outras palavras, seria a produção de sentido do texto.

Percebemos, assim, que a escrita é uma produção com objetivo específico, resulta em interação entre quem escreve e para quem escreve. Koch e Elias (2009, p. 36) comparam a produção textual a um projeto no qual estão envolvidas estratégias linguísticas, textuais, pragmáticas, cognitivas, discursivas e interacionais, sendo a prática social, o resultado desse projeto. Se a escrita é resultado dessas estratégias e está diretamente ligada às práticas sociais, não podemos separá-la das condições para a existência de um texto, ou seja, a inserção de outros textos no que será produzido como novo, a intertextualidade.

Considerada por alguns autores como uma das condições para a existência de um texto, a intertextualidade se destaca por relacionar um texto a outros textos, a memória de um grupo ou de um indivíduo específico. As produções textuais remetem-se explicitamente ou implicitamente a autores reconhecidos, garantindo, assim, a aceitabilidade das afirmações. Nossos textos são entrelaçados de alusões a inúmeras considerações armazenadas em nossas memórias. O jornal está repleto de referências já supostamente conhecidas pelo leitor. A leitura de um romance, de um conto, novela, enfim, de qualquer produção textual, nos aponta para outros textos, muitas vezes de forma implícita ou explícita.

Assim, a noção de intertextualidade, da presença contínua de outros textos em determinado texto, nos leva a refletir a respeito da importância da interação, tendo como resultado o sentido, e da importância da intertextualidade quanto à criação do que chamamos de novo texto. A partir disso, volta-se a questão de que todo texto possui uma abertura para a intertextualidade, e, em sua ocorrência, o texto ganha novo sentido, seja para refutar ou concordar, seja de forma implícita ou explícita, o texto se constrói a partir de várias partes que se encontram em outros textos; absorve tais citações e “transforma-se” em outro texto.

1.2. Intertextualidade

“..A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade.” (PCN 1998 p. 21)

O termo intertextualidade foi introduzido na década de 1960, pela crítica literária Júlia Kristeva, para se referir à relação entre textos.

Logo, a intertextualidade pressupõe um conhecimento de textos, que deve ser compartilhado entre o autor e leitor do texto. Kock e Elias (2009, p. 101) postulam que, em sentido restrito, no processo de intertextualidade, todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s).

Ao abordar o tema intertextualidade, Marcuschi (2005, p. 14) nos lembra de que a concepção de língua é mais do que um simples instrumento, ela “é uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento. [...] Mais do que um comportamento individual, ela é atividade conjunta e trabalho coletivo, contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais”. É neste sentido que a escrita, como uma das modalidades em que a língua se materializa, é vista aqui não somente como uma técnica, um modo de produção textual, mas como uma prática ou atividade social e modo de interação social. É vista como ação dinâmica, através de múltiplos gêneros textuais, instrumentos na produção de conhecimento. Visto assim, o intertexto constitui uma das partes mais significativas na construção de um texto, porque um discurso não vem ao mundo de forma isolada, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma posição. O autor do texto sempre terá um objetivo ao construir o seu texto, e o intertexto, seja dito explícita ou implicitamente, contribuirá para que o interlocutor entenda plenamente qual é esse objetivo. Sobre isso, no que tange a estudos sobre o dialogismo, Bakhtin postula que um texto não existe e nem pode ser plenamente compreendido isoladamente. Para Bakhtin (1986, p. 162) o texto só ganha vida em contato com outros textos (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o interior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos. Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas.

Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 18-20) nomeiam os tipos de intertextualidade que serão objeto deste estudo e pesquisa, a saber:

intertextualidade temática, intertextualidade estilística, intertextualidade explícita e intertextualidade implícita.

1.2.1. Intertextualidade temática

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 18-19) a intertextualidade temática é encontrada entre textos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica. Esses intertextos acham-se nos diversos gêneros, entre eles, por exemplo, podemos citar as matérias de jornais; entre as diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopeias, ou mesmo entre textos literários de estilos diferentes; contos de fadas tradicionais e lendas que fazem parte do folclore de várias culturas; histórias em quadrinhos de um mesmo autor; diversas canções de um mesmo compositor ou de compositores diferentes; um livro e o filme ou uma novela que o encenam; as várias encenações de uma peça de teatro, as novas versões de um filme, e outros gêneros.

Na Literatura, frequentemente encontramos esse tipo de intertextualidade temática. Como em *Dom Casmurro*, romance realista de Machado de Assis, e em *São Bernardo*, romance da segunda fase do Modernismo brasileiro, de Graciliano Ramos. O foco da temática neste caso está centrado em ambos os textos tratarem do adultério e do ciúme. Bentinho e Paulo Honório são personagens diferentes, viveram em ambientes e contextos históricos diferentes, porém vivem o mesmo sentimento. São vítimas do ciúme e traição conjugal. Os dois personagens não têm certeza de que foram traídos pela esposa, mas mesmo assim, há o sofrimento devido a suspeita do adultério. O ciúme destrói a família de Bentinho e também a de Paulo Honório. É nesse ponto que se dá a intertextualidade temática em ambas narrativas.

1.2.2. Intertextualidade estilística

Koch, Bentes e Cavalcante (2008 p. 19) esclarecem que a intertextualidade estilística não está relacionada apenas à forma. A intertextualidade estilística se dá quando o autor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que produzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade.

Na paráfrase, originária do grego para-phrasis (repetição de uma sentença), há na recriação textual, sempre um texto-fonte como suporte, ou intertexto. Ao parafrasearmos um texto, estamos atribuindo-lhe uma nova “roupagem” discursiva, embora mantendo a mesma ideia contida no texto original.

O escritor português, Luís Vaz de Camões, extraiu do texto bíblico um soneto sobre a história de amor entre Jacó e Raquel.

O soneto é comprovadamente um texto extraído da Bíblia. Vejamos:

[...] Labão disse a Jacó: “Pelo fato de seres meu sobrinho, me servirás de graças? Dize-me qual deve ser o salário?” Ora, Labão tinha duas filhas. A mais velha se chamava Lia e a mais nova Raquel. Lia tinha um olhar meigo mais Raquel era muito esbelta e formosa. Jacó ficou enamorado de Raquel e disse a Labão: “eu te servirei sete anos por Raquel, tua filha mais nova”. Labão respondeu: “É melhor confia-la a ti do que entrega-la a um estranho. Fica comigo.” E Jacó serviu por Raquel sete anos, que lhe pareceram dias, tanto era o amor por ela. Jacó disse a Labão: “Dá-me Lia”... E levou-a a Jacó, que dormiu com ela. [...] Ao amanhecer, Jacó viu que era Lia e disse a Labão: “Por que fizeste isso comigo? Não te servi por Raquel? Por que me enganaste?” E Labão respondeu: “Não é costume em nosso lugar dar a filha mais nova antes da mais velha. Termina esta semana de festa e depois será dada também a outra pelo serviço que me prestarás durante outros sete anos”. (BIBLIA SAGRADA, 1982, p.57-59)

Camões transformou esse texto bíblico em texto literário com grande valor estético. Como podemos conferir a seguir:

Sete anos de pastor Jacó servia

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida!

(MOISÉS, 1994, p. 78)

O soneto acima é mais um exemplo de emulação, ou seja, Camões modifica, dá valor estético e beleza a sua arte literária. Reinventa o que já estava escrito.

Segundo Koch e Elias (2009 p. 86) a produção de um dado texto por parte de seu autor depende de conhecimentos de outros textos. Através desse conhecimento, que é adquirido com a leitura de outros gêneros textuais, frequentemente se produzem novos textos. Ao apontar a importância do ensino dos diversos gêneros textuais na escola, que servem aqui de ponte para a intertextualidade, os PCNs (1998) afirmam que a produção de discursos não acontece no vazio. Ao

contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita.

1.2.3. Intertextualidade explícita

A intertextualidade explícita ocorre, conforme postulam Koch e Elias (2009 p. 87), quando há citação da fonte do intertexto. Como acontece, por exemplo, em citações diretas, referências, resenhas, traduções e nas retomadas de textos de parceiro para encadear sobre ele ou questioná-lo.

Para exemplificar a intertextualidade explícita, há no livro de poemas “Bichos que existem e bichos que não existem”, de Arthur Nestrovski (São Paulo: Cosac & Naif, 2002) um poema cujo título é “Assum-preto”. Em meio a outros bichos e gravuras, o autor descreve o assum-preto, uma ave própria do nordeste tão bem conhecida por nós, como uma ave escura e de óculos escuros, pousada sobre os fios da partitura, com uma bengala preta entre a clave de sol e as notas musicais.

Os textos a seguir evidenciam um exemplo de intertextualidade explícita. Observem:

Poema “assum-preto”

“O assum-preto não é qualquer assum-preto.

É um assum-preto especial. O Nordeste do Brasil está

cheio deles. Mas esse era diferente. Era cego.

Mas esse era diferente. Era cego.

Quer dizer: furaram os olhos do assum, para ele

assim cantar melhor.

E cantava mesmo. Não podia fugir, não podia voar,

Só podia ficar cantando. Vai cantar para sempre, na letra

mais triste da música mais linda que o Luiz Gonzaga escreveu.”

(NESTROVSKI, 2002)

Assum Preto

Tudo em vorta é só beleza

Sol de Abril e a mata em frô

Mas Assum Preto, cego dos óio

Num vendo a luz, ai, canta de dô

Tarvez pur ignorança

Ou mardade das pió

Furaro os óio do Assum Preto

Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum Preto veve sorto

Mais num pode avuá

Mil vez a sina de uma gaiola

Desde que o céu, ai, pudesse oiá

Assum Preto, o meu cantar

É tão triste cumo o teu

Também roubaro o meu amor

Que era luz, ai, dos óios meu

(Composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

O modo como concebemos as tradições que recebemos através dos costumes passados pelos nossos familiares faz parte do nosso repertório de mundo. O mesmo nos habilita a buscar na memória exemplos intertextuais como esses.

Seguindo essa linha, o autor do poema escolheu uma composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, para criar algo novo. Além de um novo estilo textual, o autor nos apresenta explicitamente a quem pertence à obra musical. Há citação direta do nome da canção, Assum Preto, e também de quem a interpreta, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

1.2.4. Intertextualidade implícita

Na intertextualidade implícita não há citação da fonte. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008 p. 28-29) a intertextualidade implícita introduz-se, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário. O autor do texto espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido.

Koch e Elias (2009 p.92) postulam que na intertextualidade implícita cabe ao interlocutor recuperar na memória o intertexto e os objetivos do produtor do texto ao inseri-lo no seu discurso. Caso isso não ocorra, a construção do sentido do texto será comprometida.

Espera-se que o leitor faça inferências e reconheça o intertexto mesmo sem ter sua fonte explícita. O autor do texto costuma utilizar a intertextualidade implícita em textos de publicidade, humor, charges, canção popular e na literatura e em muitos outros gêneros textuais.

Nas imagens abaixo, observaremos uma charge apoiada na intertextualidade gráfica do PAN 2007.

1ª Imagem – PAN 2007



<http://jpfba.flogbrasil.terra.com.br/foto16741380.html>

2ª Imagem – Charge da Logo PAN 2009



http://www.ivancabral.com/2007_06_01_archive.html

Na primeira imagem, a logomarca do PAN 2009. A composição, as cores, a tipografia, tudo remete a um evento esportivo. A explicação sobre ela que está no site do PAN, é que o arrojo do voo dos pássaros está associado aos movimentos do esporte e a sua beleza. Na imagem

da charge, as aves são outras e não há cores. São abutres atraídos pelo fétido aroma dos esquemas corruptos. Depreende-se da charge que a competição é desleal, a ganância toma o lugar da gana, e o ouro, aqui, simboliza conquistas que nada têm de nobres ou gloriosas. Essas inferências ocorrerão apenas se o interlocutor tiver em seu repertório conhecimento sobre o tema PAN 2007 realizado no Rio de Janeiro. Fica evidente nesse exemplo que o intertexto não se refere apenas a textos escritos, mas também a textos não verbais como imagens – vídeos, filmes, todos os recursos visuais, embora neste trabalho o nosso foco seja o texto verbal na modalidade escrita. No lançamento cinematográfico, na animação que se assiste em casa, na publicidade, nas pinturas e outras artes plásticas, enfim, em todas as linguagens artísticas, está presente a intertextualidade.

1.2.5. Intertextualidade e argumentação

Platão e Fiorin (1996, p.175) definem a argumentação como “qualquer tipo de procedimento usado pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a dar sua adesão às teses defendidas pelo texto”. Uma ideia geral ganha mais confiabilidade quando ela está acompanhada de exemplos concretos adequados e embasada em outras vozes que autenticam essa ideia.

Essas outras vozes mencionadas pelos autores, a intertextualidade, dá à argumentação, autenticidade. Por essa razão, a intertextualidade não pode ser entendida como mera citação de fontes, ela ultrapassa esta noção e eleva-se a um fator importantíssimo na construção de sentidos e argumentação na tessitura dos textos.

O uso intertextual pode ter uma infinidade de intenções, mas sempre corresponde a uma vocação crítica, lúdica e transformadora e, além disso, requer um autor bem informado, com um repertório ou memória cultural e literária aguçada, para com tudo isso, construir-se o texto e de acordo com a intenção do autor, a argumentação.

É imprescindível, ainda, que o texto seja desenvolvido com argumentos relevantes que lhe deem sustentação, e ainda, que se tenha conhecimento de textos comuns com a temática em argumentação, possibilitando produção de sentido. São vários os recursos linguísticos com a finalidade de convencer, argumentar. Dentre eles, podem-se citar argumentos como de autoridade, baseado no consenso, baseados em provas concretas, com base no raciocínio lógico e argumento da competência linguística. Todos esses recursos propõem-se a influenciar o leitor, portanto, selecionam-se argumentos (razões, exemplos, raciocínios) com esse objetivo muito claro, através do uso da intertextualidade, seja explícita ou implícita.

Há também o encadeamento do raciocínio do autor do texto, que deve organizar-se de tal forma que leve o leitor, a compreender a ideia defendida e, a convencer-se da veracidade de uma determinada posição tomada no texto. Assim, segundo Marcuschi (2005 p.120), a intertextualidade é um fator importante na construção dos diversos gêneros textuais, pois as relações de conhecimento que um texto estabelece com outros textos são vistas não somente como uma questão dos outros textos a que um escritor se refere, mas também como esse escritor usa esses textos, para que os usa e como se posiciona diante deles para elaborar seus próprios argumentos. Nesse caso, a intertextualidade como recurso argumentativo depende não só da intencionalidade do autor, mas de como ele usará esses recursos para a construção de argumentação e sentido no seu texto.

CAPÍTULO 2 Análise da intertextualidade

2.1. O *corpus*

Com o objetivo de reconhecer as marcas de intertextualidade presentes na produção escrita, selecionamos para análise um corpus formado por cinco redações da Fuvest 2010. Essa escolha se deu, pois a prova de redação continua sendo o método mais tradicional e

importante de avaliação para a aprovação de candidatos a uma vaga numa das melhores universidades do país. Além disso, a prova de redação é considerada por muitos professores a maneira mais eficiente de avaliação dos candidatos. Também, a escolha deste corpus se deu pela produção escrita, dentro do contexto vestibular. Nele, o candidato, que chamaremos aqui de autor do texto, primeiro obedecerá a uma proposta específica de produção.

A habilidade leitora e escritora andarão juntas nesse processo de produção, pois, o autor do texto terá de entender a proposta, que muitas vezes trabalha temas subjetivos, metáforas, textos, poemas, imagens e etc., e organizar os diversos textos que acumulou ao longo de suas experiências e vivências para produzir e dar sentido a um novo texto, mediante a temática proposta, a qual muitas vezes exige reflexão e conhecimentos específicos, trabalhando, além disso, outros recursos, como o uso da norma culta da língua portuguesa, adequação à estrutura do gênero textual exigido e a argumentação, para articular de maneira bastante organizada as suas ideias.

A partir dessas informações e, de acordo com o estudo desse corpus, percebemos que a intertextualidade aumenta as chances de um candidato produzir uma boa redação e dessa forma ser aprovado. Visto ser a redação uma produção textual que exige estrutura de um gênero específico, conhecimento de textos, concisão, autonomia por parte de seu autor, articulação de ideias que transmita de forma clara um objetivo, ponto de vista ou intenção, e que o resultado de tudo isso seja a argumentação, a intertextualidade é, sim, um valioso instrumento nas mãos de um autor.

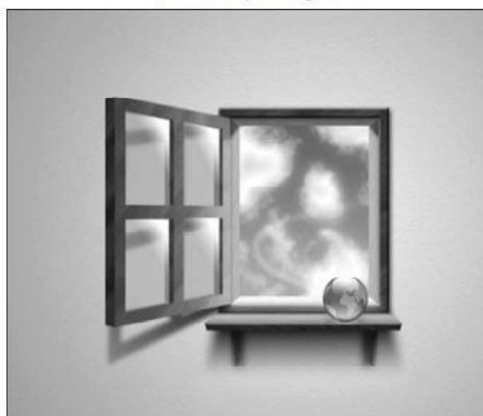
Por isso, na escolha do *corpus*, fomos guiados pela posição de Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 40), para quem a intertextualidade constitui um dos poderosos fatores de textualidade, estando subjacente a ela, a argumentação. Assim, argumentação, intertextualidade e intencionalidade são procedimentos que estão interligados e que direcionam a produção escrita.

Na análise, tomaremos por base as formas de realização da intertextualidade restrita, ou seja, a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos, conforme a categorização proposta por Koch, Bentes e Cavalcante (2008). Como explicamos antes, apresentaremos primeiro a proposta de redação que norteia nosso estudo e as cinco redações que estão entre as cinquenta e duas melhores redações do ano do vestibular 2010.

2.2 A proposta de redação Fuvest 2010

REDAÇÃO

Um mundo por imagens



Fonte: <http://www.imotion.com.br/imagens/data/media/83/4582janela.jpg>.
Acessado em 15/10/2009. Adaptado.

A imaginação simbólica é sempre um fator de equilíbrio. O símbolo é concebido como uma síntese equilibradora, por meio da qual a alma dos indivíduos oferece soluções apaziguadoras aos problemas.

Gilbert Durand.

Ao invés de nos relacionarmos diretamente com a realidade, dependemos cada vez mais de uma vasta gama de informações, que nos alcançam com mais poder, facilidade e rapidez. É como se fôssemos suspensos entre a realidade da vida diária e sua representação.

Tânia Pellegrini. Adaptado.

Na civilização em que se vive hoje, constroem-se imagens, as mais diversas, sobre os mais variados aspectos; constroem-se imagens, por exemplo, sobre **pessoas, fatos, livros, instituições e situações**.

No cotidiano, é comum substituir-se o real imediato por essas imagens.

Dentre as possibilidades de construção de imagens enumeradas acima, em negrito, escolha apenas uma, como tema de seu texto, e redija uma dissertação em prosa, lançando mão de argumentos e informações que deem consistência a seu ponto de vista.

Instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, a qual deverá ter entre 20 e 30 linhas.
- **NÃO** será aceita redação em forma de verso.

O tema da redação Fuvest 2010 foi sobre imagens e símbolos e teve como base uma coletânea de três parágrafos que encaminhavam a discussão. O autor do texto precisava processar as informações apresentadas nos textos e escrever. Isso exigia maturidade linguística e uma bagagem de conhecimentos de textos, que resultaria em progressão temática, argumentação sólida e resposta ao que foi pedido na proposta. O tema, filosófico, exigia um autor autônomo, reflexivo. Mas permitia uma vastidão de leituras desde a escolha de um texto-fonte aos textos conhecidos pelo autor ao longo de suas experiências de leituras e vivências.

2.3 Análise da intertextualidade

Texto 1

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

01 O mundo como fato e representações
 02 Durante toda a nossa vida construímos interpretações, imagens e repre-
 03 sentações dos fatos. Seja um fato histórico ou cotidiano, a nossa "bagagem" cultu-
 04 ral, moral e intelectual interfere em como formaremos um conceito sobre eles.
 05 Vale ressaltar, que tais conceitos podem influenciar a realidade da própria His-
 06 tória; se para o "bem" ou para o "mal", depende de nossa moral.

07 Segundo Schopenhauer, a maneira como concebemos o mundo é in-
 08 dividual e nunca sabemos como o "outro" o concebe. Sendo assim, toda ideia
 09 imaginária que formamos sobre o que é externo a nós, é única; e quando mel-
 10 ramos, essa "imagem" também "morre" conosco. Não existem fenômenos mo-
 11 riais, mas interpretações morais dos fenômenos". Ao afirmar isso, Nietzsche
 12 tenta mostrar que o julgamento que fazemos com nossas representações dos fatos, de-
 13 vem ir além de um maniqueísmo simplório, para uma análise do "porquê" de
 14 os enxergarmos assim.

15 A interpretação dos fenômenos limita nossa "campo" de opções entre as pos-
 16 síveis opiniões ou atitudes que tomaremos em nossas vidas diante dos fatos. Da-
 17 ncia, opunhamos a realidade em prol da imagem que formamos dela. Basta
 18 lembrar que na Alemanha Nazista, o ato de matar ou não matar um judeu,
 19 ficou restrito à imagem formada do judeu pela propaganda nazista.

20 Com grande semelhança à propaganda de Goebbels, no que tange à ma-
 21 nipulação das massas, temos a eleição do presidente Fernando Collor de Mello, que
 22 ilustra de forma clara, como a exploração da imagem pode até mudar a história
 23 de uma nação. A mídia televisiva em geral, mostrava um candidato elegante e
 24 raudável. Ele falou que ao votar, o eleitorado escolheria não o candidato, e sim, sua
 25 imagem.

26 "Somos condenados a sermos livres" já dizia Sartre: Livres para agir, li-
 27 vos para escolher, livres para imaginar, formar imagem. Incluso a isso, somos
 28 responsáveis por nossos atos, pelo fato de nosso redor, pelas representações que formamos
 29 deles e pelas consequências que desencadeamos. É razoável que no meio de tudo isso,
 30 o homem moderno não se sinta muito bem.

31
 32
 33
 34

© Redação - FUVEST 2010

Nesse exemplo, há o que Koch, Bentes & Cavalcante (2008, p. 28) chamam de intertextualidade explícita, quando o texto recorre explicitamente a outros textos específicos, à citação direta ou indireta nomeando algumas fontes para apoiar o argumento do texto. Há menção aos filósofos alemães do século XIX, Arthur Schopenhauer e Friedrich Wilhelm Nietzsche. O autor menciona ainda Paul Joseph Goebbels, ministro responsável pela propaganda de Adolf Hitler e faz

uma alusão ao ex-presidente Fernando Collor de Melo; o autor recorre ao argumento de autoridade, através das citações acima para abalizar o que diz, e permite que o leitor busque em sua memória esses textos e faça as inferências necessárias para construir o sentido. É importante lembrar que, embora as palavras, no caso da citação direta, possam ser totalmente aquelas do autor original, ao usar a citação o segundo autor exerce controle sobre quais palavras serão citadas exatamente (e as que não serão citadas) e sobre o contexto em que serão usadas. No caso da citação indireta, a partir da tentativa de reprodução em suas próprias palavras do sentido original, o autor expõe sua compreensão, sua interpretação ou sua perspectiva diante do texto original. No caso da menção de uma pessoa ou documento, o autor depende da familiaridade do leitor com a fonte original, de tal forma que fica mais implícito o que quer dizer ao usá-la.

Percebemos nesse exemplo como a intertextualidade pressupõe a inclusão da história em um texto, em outras palavras, os textos absorvem e são construídos de textos do passado, assimilando-os, respondendo-lhes, e resignificando-os. Ao articular e desenvolver o seu texto, o autor faz um elo entre a filosofia e a história o que resulta numa ligação intrínseca que pode estabelecer novas relações e resultar em argumentação para defesa do seu tema. Esse trabalho requer um autor atualizado, autônomo, capaz de perceber passado, presente e futuro. Nesse caso, o autor trabalha o intertexto e produz algo “novo”, usando a reflexão, observação, análise, comparação e conhecimentos prévios.

Para finalizar, o autor faz uma referência, explicitamente marcada, do filósofo e escritor francês, Jean-Paul Charles Aymard Sartre: "O homem está condenado a ser livre". Segundo Koch, Bentes & Cavalcante (2008, p. 120), uma citação apropriada pode cumprir o objetivo de reforçar o efeito de verdade de um discurso, autenticando-o. A intertextualidade marcada por essas referências atribui credibilidade ao texto, revela a capacidade do autor de fazer analogias, inter-relações, para a formação deste “mosaico” de textos. É como se o

autor tomasse posse dessas referências para enfatizar, contradizer, polemizar, de acordo com o propósito do texto. Articulando logicamente grandes ideias, conhecimentos presentes tanto em textos eruditos, quanto em textos atuais, pois nenhum conhecimento é solitário. O autor, nesse caso, trabalha com autonomia e sequência lógica de ideias o emaranhado de outros textos que tem sua memória. A escrita é naturalizada nas várias áreas de conhecimento, nesse caso, o conhecimento filosófico, político e histórico.

Texto 2

A Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 *E assim caminha a humanidade*

02

03 *A imagem acompanha o ser humano ao longo de toda a sua história,*
 04 *servindo-lhe como ferramenta de significação e entendimento do mundo. A ima-*
 05 *gem cria sentido, confere juízo de valor, reúne predicados, conta histórias. An-*
 06 *tes mesmo do surgimento da escrita, ou seja, da fundação da história como*
 07 *fi estabelecida pelos pensadores do século XVIII, o homem gravava na pedra*
 08 *seus fatos, em desenhos primitivos, imagens que perpetuaram sua existência*
 09 *e deixaram seu legado para as gerações futuras.*

10 *Essa imagem, concreta, percorreu o caminho entre o imaginário desse*
 11 *homem até a sua materialidade. Apenas nós, seres humanos, somos dota-*
 12 *dos de imaginação e, portanto, capazes de nos expressarmos pela construção de*
 13 *imagens. Da nossa mente inventiva, as levamos para o desenho, para a*
 14 *pintura, para a arquitetura, a literatura, o cinema, a propaganda, para*
 15 *a vida. A imagem está presente em todo o lugar, na construção do mundo.*

16 *A partir disso, nos sofisticamos, utilizando nossa capacidade de construir*
 17 *imagens para legitimar o poder. Ao longo da história, grande parte das insti-*
 18 *tuições – serão, todas – se valeram da criação de ícones para os mais diver-*
 19 *sos fins. Os arcos do triunfo romanos eternizavam os fatos dos imperadores e a*
 20 *Igreja católica ergueu templos, cujas torres almejavam alcançar o céu.*

21 *Da arquitetura para os objetos do dia a dia, as imagens dissemularam*
 22 *o poder de influência dessas instituições. Do crânio fixo ao símbolo do McDonalds,*
 23 *da suástica nazista à pequena maçã da corporação Apple. Essas ima-*
 24 *gens estão carregadas de sentido. Ao olharmos para elas, uma imensa cadeia*
 25 *de conexões é ativada. Até mesmo uma ciência, a semiótica, foi criada para estu-*
 26 *dar esses processos.*

27 *Talvez o século XX tenha sido o que mais evidenciou o poder da imagem. Os meios*
 28 *de comunicação de massa serviram a interesses de governos autoritários. O nazismo*
 29 *lançou mão de todo um aparato de propaganda para insulfear a população e di-*
 30 *fundir suas crenças e ideias. Assim o fizeram tantos outros, como os EUA por meio*
 31 *de Disney, Hollywood e do "The American Way of Life". Assim o fazem as grandes*
 32 *corporações contemporâneas, elegendo e difundindo ícones e símbolos para*
 33 *gravar suas marcas em nossas cabeças. E assim, de imagem a imagem,*
 34 *caminha a humanidade.*

© Redação – FUVEST 2010

Nesse exemplo, a intertextualidade estaria em dois níveis, no primeiro explícito, quando há o fragmento atribuído a outro enunciador, pensadores do século XVIII, e um nível implícito e explícito ao mesmo tempo, ao autor fazer uso de breves referências para realizar analogias, reflexão: “do crucifixo ao símbolo do McDonalds”, “da suástica nazista à maçã da corporadora da Apple”. Para interligar ideias, ao citar: “USA por meio da Disney”, “Hollywood e do American

Way of life”, não sendo necessário explicitar o que é presumido ser conhecimento compartilhado entre autor e o leitor do texto. A intertextualidade dedicada à justificativa desse tema exige do leitor a ativação da memória, pois, caso isso não aconteça, a construção do sentido será comprometida. Assim, o autor vai tecendo o seu texto com diferentes elementos da história da humanidade, carregados de sentido para ele e para o tema em questão: Arcos do Triunfo, monumento introduzido pela arquitetura romana originalmente utilizado como um símbolo da vitória em uma determinada batalha. O crucifixo, (Cruz de Cristo), um símbolo de veneração. O símbolo do McDonalds, considerado um dos mais disseminados símbolos do capitalismo internacional. Suástica nazista ou cruz gamada, um símbolo místico, encontrado em muitas culturas em tempos diferentes, inclusive na época nazista. A maçã da corporação Apple, símbolo da empresa multinacional de computação. Há ainda a menção a Disney, Hollywood e The Way of life ligados à imagem dos EUA. O autor constrói sua argumentação, justificando como a propaganda sempre usou a imagem no decorrer dos séculos com o intuito de difundir ideias, usando esse emaranhado de símbolos, ou intertextos.

Quanto à intertextualidade implícita, Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 35) postulam que o reconhecimento do intertexto nesse caso, é menos garantido, visto que depende da amplitude dos conhecimentos que o interlocutor tem representados em sua memória. No caso do autor do texto, objeto deste estudo, revela repertório interdisciplinar e conhecimento vasto de textos, pois ele é capaz de fazer referências implícitas, mas que são marcadas por uma sequência de argumentos e articulação textual, escolha lexical apropriada ao gênero textual e recursos do próprio gênero que resultam não apenas numa bricolagem de textos, mas no texto novo, com organização temática e produção de sentido. Ressaltamos que a produção de sentido por um texto não é um mero ajuntamento de partes, mas é a criação de um texto novo, autônomo, ainda mais pleno de significação, havendo, dessa forma, um diálogo entre textos. O autor, nesse caso, trabalha com autonomia e

articula suas ideias manipulando bem os recursos da intertextualidade implícita e explícita ao mesmo tempo, promovendo resultados diferentes na apreensão e na construção do texto, embora trabalhe a mesma temática.

Texto 3

A Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha. **B**

01 **A luz no fim do túnel**

02

03 Walter Benjamin, em "A obra de arte na época de sua reprodução técnica", mostra que a difusão em massa de imagens eliminou a autenticidade dos objetos artísticos. Nesse modo, rompeu-se o equilíbrio entre a realidade e a imagem na capacidade de a representação registrá-la fielmente. Este desequilíbrio, no entanto, não possui somente efeitos negativos. De fato, há a distância entre o real e a imagem que abre espaço para a manipulação, também propicia uma visão crítica ~~de~~ ~~o~~ ~~f~~ sobre os fatos.

04

05

06

07

08

09

10 É comum admitir que as imagens são capazes de retratar os fatos de maneira imparcial e objetiva. Existem, contudo, vários elementos que, no processo de elaboração da imagem, interferem no registro da realidade, tais como o ângulo de visão, a luz e o ponto observado. Isso significa que a representação não constitui-se

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

D

Redação - FUVEST 2010

No caso deste texto, outra prática que merece atenção é a citação no título de um dito popular: Uma luz no fim do túnel. Com efeito, registra-se aqui um intertexto de um enunciador genérico, que expressa o conhecimento de mundo partilhado pela coletividade, provenientes de enunciadores indeterminados. O texto inicia-se com a citação de Walter Benjamin e uma de suas obras, aqui, a prática da intertextualidade implícita se faz predominante, com alusão à opinião desse especialista,

e com a representação da voz deste através do discurso indireto, fato que explica a não utilização das aspas, em segmentos que explicitam o conhecimento dele no trecho: Walter Benjamim em “A obra de arte na época de se reprodução técnica” mostra que a difusão ou massa de imagens eliminou a autenticidade dos objetos artísticos. Desse modo rompeu-se o equilíbrio entre a realidade e a crença na capacidade de a representação registrá-la fielmente. O autor do texto não explicita quem é Walter Benedix Schonflies Benjamim, ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão do século XX, mas embasa seu argumento em cima da teoria desse filósofo, dialogando com um texto que já existe, no trecho: “Esse desequilíbrio, no entanto, não possui somente efeitos negativos...”. O autor começa a tecer o seu texto ao dialogar com o intertexto e o faz com autonomia para construir o seu próprio argumento, não necessariamente concordando com tudo que o filósofo acredita. Percebemos isso com o uso da conjunção adversativa no entanto, a qual deixa claro que seu argumento baseia-se no dito pelo filósofo, mas não deixa de contrapor com uma ideia ou argumento próprio dele. Em seguida, o autor faz uma afirmação sem citação da fonte: Existem, contudo, vários elementos que, no processo de elaboração da imagem, interferem no registro da realidade, tais como o ângulo de visão, a luz e o próprio observador. O autor não menciona a fonte deste conhecimento, mas a afirmação permite que o leitor faça a inferência de que há uma fonte de conhecimento implícita, pois esse tipo de conhecimento específico pertence não a um conhecimento “vox populi” do senso comum, assim como é um provérbio ou dito popular, mas a uma área de estudo específica. Voltando à questão da primeira citação no título deste texto, o autor tece todo o seu texto e argumentação, de forma que possa finalizar comparando a imagem ao dito popular “Uma luz no fim do túnel”. Poderíamos fazer outras referências intertextuais no texto em questão, mas analisaremos apenas essas ocorrências, neste caso.

Até aqui, percebemos o quanto a intertextualidade explícita fica em um plano de menor incidência, uma vez que a utilização dos

mecanismos de escrita que marcam esse tipo de intertextualidade pressupõe memória de registros, tais como: fontes, dados específicos, até mesmo utilizando gráficos, datas, momento histórico e citações diretas para sinalizar este tipo de intertexto.

Texto 4

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Escher, Platão e o real imaginário

O quadro "Relatividade", de Escher, mostra um mesmo ambiente, porém sob ângulos visuais diferentes, transmite a impressão de ser outro lugar. Em sociedade ocorre algo semelhante. Uma instituição quando idealizada apresenta certas características, todavia ao ser viabilizada, efetivamente, essa mesma instituição ganha novas conotações. É como girar o quadro de Escher: o projeto de algo apresenta uma imagem que pode e não ser a mesma quando tornar-se real.

A instituição da Igreja Católica, por exemplo, apresenta dogmas bonitos como a existência de um Deus único, onipotente e misericordioso. Criou-se essa imagem primordial de benevolência e total tolerância. Porém, em meados do século XVI, em vista da Reforma Protestante, uma vertente da Igreja, chamada Inquisição, foi posta em prática. Fogueiras aos hereges e cercamentos aos opositores da instituição foram os precitos reais vividos pela população. A imagem de compreensão e acolhimento foi substituída pela repressão e pela violência nada idealizadas.

O filósofo Platão tentou explicar por meio da Teoria das Ideias essa dualidade entre a imagem projetada e a real. Para ele, todas as formas existentes no mundo físico são reflexos das formas ideais, presentes somente no "mundo das ideias". Estas são perfeitas e as que temos atualmente são apenas reflexos, por isso, passíveis de imperfeição. Passando da filosofia para o cotidiano, a formação de um Estado totalitário tenta mesclar símbolos (imagens) com o concreto. Hitler prometia um Estado forte baseado em amores nacionalistas e amantes da pátria. Essa seria a imagem ideal, na qual muitos alemães acreditavam, porém, de fato, o que se teve foi um Estado xenofobo, racista, autoritário e violento, isto é, real e, como disse Platão, passível de (muitos) erros.

Assim como o símbolo para Gilbert Durand sublima em soluções apaziguadoras aos problemas, para Platão a ideia é a própria solução, e perfeição. Imagável que as instituições sejam perfeitas em nosso imaginário, além disso, é assim que muitos preferem as ver: a Igreja Católica sem máculas, o nazismo sem violência. No entanto, essa é uma perspectiva utópica. De fato, a imagem não é o objeto real, e o seu reflexo o qual podemos moldar de acordo com nossos pontos de vista. Assim sugeriu Escher com seu quadro multifacetado.

O autor deste texto usa a intertextualidade explícita como recurso de estratégia argumentativa logo em sua introdução, e por extensão, torna o seu texto legível e, sobretudo aceitável ao citar de maneira explícita a arte, o quadro "Relatividade" de Escher, famosa tela que mostra escadas indo para todas as direções e que brinca com a composição de dimensões que se vê tradicionalmente em quadros, feita

por Maurits Cornelis Escher, artista gráfico holandês. O quadro foi uma das principais contribuições da obra deste artista está em sua capacidade de gerar imagens com efeitos de ilusões de óptica. O autor faz analogias a partir da imagem do quadro e tece seu texto até o fim com base neste conhecimento. Após a citação indireta do que seria o quadro “Relatividade” de Escher, o autor cita a Igreja católica relacionando-a a suas doutrinas, porém o faz sem citação de fonte legítima para isso, apenas partindo do senso comum, do que seria a doutrina desta religião. Em seguida, no trecho: “Porém, em meados do século XVI, em vista à Reforma protestante, uma vertente da igreja, chamada inquisição, foi posta em prática. Fogueira aos hereges e cerceamento aos opositores da instituição foram os preceitos reais vividos pela população.” Aqui, o autor do texto julga necessário explicitar o que seria a inquisição e o resultado dela para hereges e opositores. Essa estratégia revela a preocupação do aluno em validar suas informações com argumentos mais precisos. Não basta que a intertextualidade seja utilizada no texto, é preciso que se verifique na sua forma o sentido e a possibilidade da interação entre autor e leitor. O autor neste caso pressupõe que não seja do conhecimento de qualquer leitor fazer a inferência necessária para a compreensão sem que o mesmo dê pistas para a construção do sentido no texto. Na sequência, para respaldar ainda mais as suas asserções, o autor incorpora ao seu texto o discurso de outro texto, fato que visa tornar a informação digna de crédito e aprovação, citando o filósofo grego, Platão, e faz uma citação indireta e direta, no trecho: “Para ele, todas as formas existentes no mundo físico são reflexos das formas ideais presente somente “no mundo das ideias”. O autor mais uma vez monta o seu texto com vários fragmentos de outros textos e não se perde, mas articula até a conclusão o seu pensamento, finalizando-o novamente com o recurso empregado no início do texto, ao mencionar o quadro de Escher, agora, fazendo apenas uma alusão ao mesmo intertexto.

Texto 5

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Retrato simulado

No livro "Retrato de Lorian Gray", o escritor Oscar Wilde narra a história de um homem tão belo que, obcecado pela própria imagem, consegue não permitir que ela se degrade ao fazer com que um retrato seu envelheça em vez do seu rosto. O retrato, entretanto, definhou a tal ponto que Gray não pôde mais observá-lo sem ~~se~~ desesperar-se. Assim como a personagem de Wilde, as pessoas não obcecadas por suas imagens, tanto no que se refere ao físico quanto no que tange às impressões sociais que causam. Esse cuidado extremo com a imagem, não obstante, faz definir os espelhos do indivíduo.

Os seres humanos cultivam suas próprias imagens. O filósofo Jean Baudrillard, estudioso dos signos e da simulação, assegura que a sociedade humana é construída por inúmeros "simulacros", ou seja, objetos ou conceitos que representam uma realidade ou uma ideia. Deste modo, as pessoas procuram fazer de si mesmas simulacros de que acreditam ser a cidadania ideal e, por isso, vivem suas vidas constantemente preocupadas com as impressões que podem estar causando aqueles que as veem.

Para cultivar a imagem idealizada, os homens empregam inúmeros recursos. Em se tratando de estética, utilizam não só cremes, maquiagens ou acessórios, mas também tratamentos médicos que, além de caros, podem ser perigosos e dolorosos. Já no que se refere às impressões sociais, as pessoas frequentemente dissimulam ^{os} seus matrimônios e familiares, problemas financeiros e até mesmo defeitos físicos para manter as aparências.

Os pessoas, ainda assim, morrem. Ao morrer, uma pessoa terá desperdiçado uma porção considerável de sua vida na construção de uma imagem, a qual de nada lhe servirá. O que restará dessa pessoa no mundo será apenas sua imagem guardada na memória de outros, um simulacro perfeito, como diria Baudrillard, que não mais representa nada. Deste modo, é possível dizer-se que os homens desperdiçam parte deles mesmos em suas imagens. O cantor Michael Jackson, que viveu transformando sua imagem, é um exemplo extremo disso.

Os seres humanos empregam enormes quantidades de tempo, recursos e saúde para manterem suas imagens perante a sociedade. Contudo, todo esse empenho na criação de imagens ideais mostra-se vão quando da morte do indivíduo, uma vez que não lhe garante uma vantagem real. Os homens, tal como Lorian Gray, deixam uma porção imensa de suas vidas trancada em um local escuro do espaço e do tempo para criar suas imagens, simulacros que, no fim, de nada servirão.

Redação - FUVEST 2010

Este último exemplo demonstra novamente a tendência de o autor fazer comparações a partir do intertexto desde a introdução até a conclusão, tecendo uma série de textos de forma que estes resultem em uma única temática. O autor deste texto faz uso da intertextualidade explícita para ativar na memória discursiva do leitor

as inferências necessárias para construção de sentido que quer dá ao novo texto. Cita o livro, *O retrato de Dorian Gray*, do escrito Oscar Wilde e, ainda parafraseia de maneira bastante breve o contexto desta narrativa para que o leitor interaja sem que haja perda de sentido ao que construirá como texto em seguida. Passa a fazer comparações do intertexto com a temática em questão e, cita Jean Baudrillard, sociólogo e filósofo francês, porém, desta vez, não julga necessário explicitar quem seria Baudrillard, mas constrói sua argumentação recuperando em sua memória uma citação indireta do filósofo: “O que restará dessa pessoa no mundo será apenas uma imagem guardada na memória de outros, um simulacro perfeito, como diria Baudrillard...”. Ao comentar sobre a intertextualidade explícita, Koch (2008. P. 29) postula que o autor ao fazer uma citação de uma obra, ou ao citar um trecho atribuído a outro enunciador, recorre a este argumento de autoridade para abalizar a sua tese. Percebemos todo esse trabalho no texto acima, que organiza suas ideias e articula seu pensamento baseado no intertexto do começo ao fim, estabelecendo um diálogo explícito com outros textos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do corpus, observamos que a intertextualidade é um aspecto que facilita a construção da argumentação e do sentido no texto, segundo as formas de intertextualidade consideradas nessa pesquisa. Os resultados da análise de intertextualidade nessas redações sugerem que o escritor manipula bem os recursos da intertextualidade.

Alguns pontos devem ser destacados como relevantes nesta experiência de escrita baseada em intertextualidade aqui descrita: o primeiro, é que os resultados das relações intertextuais diferem de um autor para o outro, pois o conhecimento de textos de cada um é particular mediante suas vivências e experiências, o que resulta em

textos bastante diferentes em sentido e argumentação. O segundo ponto a se destacar diz respeito à apreensão do intertexto, pois, para garantir credibilidade àquilo que se tem nesta nova produção textual, o autor se vale do intertexto e dá embasamento ao que se diz com um objetivo específico.

Esse fato revela a necessidade de se avançar o nível de conhecimento em toda a área de saber, pois o autor poderá adquirir cada vez mais autonomia ao utilizar os mecanismos de intertextualidade e conseguirá treinar a sua habilidade escritora para articular de maneira cada vez mais organizada as suas ideias, baseadas numa avaliação e reflexão crítica dos textos que já tem em seu repertório.

Por fim, considerando os resultados obtidos na análise, podemos dizer que a prática da intertextualidade na produção textual está relacionada diretamente com a capacidade de o autor acumular experiências de leitura, detectando também vestígios de outros textos no que está lendo, percebendo essas relações e usando-as a seu favor. Assim, ele trabalhará o seu texto de forma consciente e não apenas intuitiva. Fica claro também a importância do ensino da produção de textos baseado no requisito de intertextualidade, seja de maneira explícita ou implícita, e como o caminho percorrido pelo autor para a construção do texto dissertativo está centrado na intertextualidade, recurso ligado à tessitura do texto e considerado um dos principais fatores da argumentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D. L. P., FIORIN, J. L. Dialogismo, Polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1999.

KOCH, I. G. V. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. G. V., BENTES, M., CAVALCANTE, A. C. Intertextualidade – Diálogos Possíveis. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V., ELIAS, V. M. Ler e Compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V., TRAVAGLIA, L.C. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L.A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Cortez, 2005.

MOISÉS, M. A literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1994.

NESTROVSKI. A.R. Bichos que existem e bichos que não existem. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

PLATÃO, S. F., FIORIN, J.L. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

SAUTCHUK, I. A produção Dialógica do Texto Escrito. Um diálogo entre escritor e leitor interno. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ZAMAGNA, D. Bíblia Sagrada. Petrópolis: Vozes, 1982.

<http://www.fuvest.br/vest2010/bestred/bestred.html>> Acesso em: 15 de junho de 2011.

http://www.ivancabral.com/2007_06_01_archive.html> Acesso em: 12 de agosto 2011.

<http://jpfba.flogbrasil.terra.com.br/foto16741380.html>> Acesso em: 12 de agosto de 2011.